

EDITORIAL

Iniciamos o ano de 2023 com o número 61 da *Vivência, Revista de Antropologia* do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Seguindo o nosso padrão editorial, temos a satisfação de oferecer ao público leitor um novo dossiê de nossa publicação. Além dele, estamos divulgando cinco artigos inéditos, enviados por seus autores no modo de fluxo contínuo de recebimento de produção acadêmica original em Antropologia e Ciências Sociais. Também um ensaio visual e uma resenha estão incluídos no novo número. Para complementar, uma tradução de um importante artigo, originalmente publicado em francês, do sociólogo Patrick Champagne (*in memoriam*).

No presente número, temos o dossiê “Gênero e sexualidade: erotismo, subjetividade, território e direito”, coordenado pelos professores Paulo Victor Leite Lopes (UFRN), Isadora Lins França (Unicamp) e Gustavo Blázquez (Universidad Nacional de Córdoba, Argentina), o que mostra intercâmbio acadêmico bem amplo de instituições universitárias tanto entre regiões diferentes do Brasil como de países distintos da América do Sul. O dossiê contém dez artigos que apresentam essa variedade regional e internacional. As temáticas exploradas pelos autores são muito instigantes e bem variadas. Por exemplo, há artigos sobre arte drag e seus modos de expressão pública, outro sobre a relação de mulheres argentinas com a organização de festivais musicais. Há também outros sobre questões diferenciadas envolvendo violência, seja contra mulheres indígenas e sua dimensão emocional de resistência e denúncia, seja as práticas de revista íntima prisional feminina e sua correlação à moral da humilhação, seja também os efeitos societários impressionantes da violência contra mulheres lésbicas, que envolvem, no artigo, a relação entre luto e festa. Outro artigo enfoca a corporeidade e experiência feminina da pesquisadora a partir de sua prática de pesquisa etnográfica. Um artigo instigante trata especificamente das experiências de cuidado em saúde de homens trans. Outro trabalho trata das moralidades em relação ao BDSM. Dois artigos tratam de questões envolvendo temas jurídicos: um deles abordando adoção e famílias homoafetivas, outro sobre os impasses em relação aos procedimentos e trâmites jurídicos no caso de pessoas LGBTQIA+.

No que diz respeito aos artigos recebidos livremente por meio do fluxo contínuo de trabalhos pela revista, temos uma variedade de temas que foram reunidos em razão de sua recepção, mas cuja organização resulta de um esforço articulador da Comissão Editorial de também associá-los, de algum modo, à revista como um todo, até mesmo considerando o foco principal do dossiê aqui presente.

Assim, temos primeiramente, seguindo a ordem de publicação, o artigo de Francimário Santos, “Capitãs de congadas: atuação de

lideranças femininas na festa de Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Santo Antônio do Monte (MG)”. O autor é antropólogo do IPHAN/MT, doutor em Ciências Sociais da PUC-Minas Gerais e, vale acrescentar, defendeu a primeira dissertação de mestrado do PPGAS/UFRN, no ano de 2007, quando era aluno de nosso programa. Seu artigo aborda a questão de gênero, raça e religião, tratando do processo de emergência de lideranças femininas como capitães de congadas, em particular no contexto mineiro etnografado pelo autor. Essa inovação transformadora da liderança da mulher capitã, que se iniciou na década de 2000, mostra a reorientação de sua participação na congada, primeiro caracterizada pelo trabalho doméstico e auxiliar, não central à tradição e festividade religiosa, para uma presença mais ativa e protagonista, que não deixa de explicitar como as relações do congado envolvem relações de gênero e de poder.

Em seguida, o artigo “Eu te benzo, mas quem cura é Deus: benzimento e benzedores no município de Amaturá-AM”, escrito em coautoria por Erik Rubem e Renilda Costa, ambos vinculados, respectivamente, como doutorando e docente, à Universidade Federal do Amazonas, trata de uma prática tradicional de cura feita por benzedoras e benzedores, portanto, apresentando a coexistência de questões de gênero. Estamos também em outro contexto de experiência social, uma localidade interiorana da região Norte do país. Todavia, o esforço dos autores foi de entender o ato de benzimento em sua dupla disposição terapêutico-religiosa, o que implica a relação dual entre benzedor e a pessoa benzida, o seu cliente. A pesquisa explicitou como as experiências mágico-religiosas relacionam-se à transmissão oral de saberes e conhecimentos tradicionais, o que inclui, em especial nesse caso, o conhecimento vasto sobre o poder das plantas e como ele pode intervir por meio do benzimento na prática terapêutica de cura.

Depois, temos o artigo do professor da Universidade Federal do Pará, Thales Maximiliano Cañete, vinculado ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPA), intitulado “Populações tradicionais: origens, definições e usos dentro da Antropologia brasileira”, que nos oferece uma abordagem mais teórica aprofundada sobre a categoria analítica “população tradicional” em nossa disciplina. Assim, nos distanciamos dos artigos mais empíricos envolvendo expressões culturais e práticas tradicionais de cura. A adjetivação “tradicional” de “população”, aqui tratada no caso do artigo do professor Cañete, foi devida a duas características, segundo o autor, que se evidenciaram na revisão da ampla bibliografia acadêmica sobre “populações tradicionais”. Uma delas envolvia a primazia da autoatribuição em relação aos grupos sociais estudados pelos pesquisadores. Por sua vez, a caracterização “socioambiental” representou outro modo de se entender um universo mais amplo de casos e grupos sociais. Outro aspecto considerado pelo autor foi o das “três variáveis identitárias” que se associavam às

“populações tradicionais”: etnicidade, economia e historicidade.

Aparentemente em direção contrária aos textos anteriores, o artigo de título “África e Modernidade em Georges Balandier”, coautorado por Antônio Motta, professor titular da Universidade Federal de Pernambuco, e por Luiz Antonio de Oliveira, professor da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, se propõe a fazer uma interpretação da obra acadêmica do sociólogo francês, bastante conhecido por sua inovação nas pesquisas francesas realizadas no continente africano. Modernidade e tradição não deixam de ser um par de opostos que se complementam e, a nosso ver, é interrogado pelos dois autores que se aprofundam na obra de Balandier. Como na Europa destruída pela Segunda Grande Guerra, a metade do século XX parece ter sido um período divisor para o colonialismo europeu hegemônico. Motta e Oliveira apresentam a abordagem processual, situacional e dinâmica de Balandier, contrastante diante da eclosão do estruturalismo francês de Claude Lévi-Strauss. Junto de autores anglo-saxões, Balandier foi um pioneiro na preocupação de entender a África moderna e “modernizada”, paralelamente a todas as vicissitudes sociais e transformações políticas que afetaram as antigas colônias europeias em países independentes do “Terceiro Mundo”.

O último artigo, “Uma questão de família: agenciamentos em torno do diagnóstico para doenças raras hereditárias”, traz uma problematização muito instigante e perspicaz do que seria, digamos, a identificação de um período atual de alta modernidade, quando as biotecnologias e a geneticização da vida e das práticas de saúde parecem se alastrar globalmente. Mas seus quatro autores, Waleska Aureliano, professora da UERJ, junto de Jociara Nóbrega (Dra., PPGAS/UFRN), Everson Pereira (Doutorando, UFRGS) e Luiza Muniz (graduada, UERJ) mostram, a partir de suas próprias pesquisas, como pode ser bem relativo o anúncio de uma dissolução progressiva de valores, vínculos e relações de família, considerados tradicionais. A partir de contextos regionais diferentes no país, os pesquisadores abordam casos de pessoas vivendo com doenças raras e suas famílias, enfocando, sobretudo, as vicissitudes e os complicados meandros que envolvem a produção de diagnósticos, que, muitas vezes, podem levar um longo tempo de incerteza e imprevisibilidade. Por seu turno, identificar e/ou nomear (finalmente) o diagnóstico de doença rara repercute igualmente em dimensões morais que envolvem estratégias reprodutivas e também decisões pessoais e familiares em relação ao futuro e às trajetórias biográficas e interpessoais. Todo um amplo espectro de questionamentos teóricos e sociais de pesquisa poderão emergir a partir do debate proposto pelos quatro autores.

Temos, em seguida, a resenha acadêmica do livro “Uma etnografia dos sonhos Yanomami: o desejo dos outros”, escrito por Hanna Limulja e aqui resenhado por Lunara Gomes da Universidade Federal de

Pernambuco (UFPE). A resenha retoma a pesquisa de Limulja, que teve o mérito de apresentar a importância e significação do ato de sonhar e dos sonhos para a transmissão de conhecimento tradicional do povo indígena. Nesse sentido, o sonho e sua narração para outros indígenas supõe um ato coletivo de compartilhamento de concepções e saberes Yanomami.

Na sessão de ensaios visuais, publicamos o trabalho de Sarah Hissa, professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, intitulado “Mundos Antárticos e Experiências Austrais”. A partir da etnografia de Hissa, associada, na época, ao Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas, entendemos como a autora conviveu com pesquisadores e marinheiros polares brasileiros. Assim, a pesquisa articulava arqueologia e etnografia. Dessa forma, o trabalho de campo gerou uma produção etnofotográfica que remonta às atividades e aos deslocamentos no ambiente austral, em particular entre as áreas e águas de atuação brasileira e a Ilha Livingston (arquipélago de Shetlands do Sul). A temporalidade consistia em concepção crucial para o entendimento e significado de atividades de trabalho e lazer.

Concluimos este número da *Vivência* com a publicação de um artigo bastante conhecido do sociólogo francês Patrick Champagne, recentemente falecido, que teve a gentileza de nos autorizar sua tradução para o português, “A festa no vilarejo” (*La fête au village*), originalmente lançado no periódico francês *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* em 1977. Trata-se de oferecer ao público brasileiro e lusófono a possibilidade de compreender os efeitos socioculturais decorrentes da transformação profunda ocorrida no mundo rural francês nas décadas de 1950 a 1970. As tradições culturais camponesas passaram a ter um sentido bem distinto a partir do momento em que passaram a ser representadas como festas para visitantes e os próprios agricultores tiveram de reformatizar aquilo que se esperava deles no “papel” de camponeses. Houve uma desconexão entre o mundo cultural vivido até o fim da 2ª Guerra Mundial e, depois, um outro mundo cultural, que se era antes familiar, foi sendo organizado como uma representação do “tradicional”. Por muito tempo, o artigo esteve presente em programas de cursos de pós-graduação, sobretudo para os pesquisadores de campesinato e dos estudos rurais. Acreditamos que ele continua sendo de grande relevância, inclusive atualmente para os estudiosos de patrimônio imaterial e dos processos de transformação das tradições culturais populares. Fazemos, portanto, uma homenagem póstuma a Patrick Champagne.

Carlos Guilherme do Valle
Juliana Gonçalves Melo
Julie Antoinette Cavignac